

**À MARGEM
DA HISTÓRIA
DO
CEARÁ**

3ª EDIÇÃO

GUSTAVO BARROSO

Publicação ilustrada com 41 fotografias e ilustrações

Constantes da 1ª edição

O SENHOR FEUDAL DO FECHADO

Escreveu Pascal que é por demais perigoso mostrar a animalidade do homem sem apontar a sua grandeza, sendo pior deixá-lo na ignorância de ambos e convindo, portanto, fazer-lhe ver esses dois aspectos de sua personalidade. Devem estas sábias palavras do insigne pensador francês servir sempre de base àqueles que estudam o fenômeno do cangaceirismo nos sertões nordestinos em todas as suas modalidades, porque os chamados bandidos ou bandoleiros por ele produzidos oferecem-nos exemplares humanos de complexa psicologia, algumas vezes dignos até do título de heróis.

Em livro que a respeito publiquei há perto de 40 anos, disse: “Os bandidos não são produtos exclusivos das terras brasileiras do Nordeste. Em todos os povos, têm existido com denominações diversas. O jagunço não é criminoso por mero acidente do seu caráter; não é criminoso, as mais das vezes, por si próprio. Ele termina uma série de antecedentes os mais variados ou é um elo na seriação de causas as mais diversas.”

Dentro dessas linhas gerais deve ser enquadrada historicamente a figura de um dos mais famosos cangaceiros do sertão cearense na segunda metade do Século XIX, o José Antônio do Fechado, nascido em Canindé no Ano da Graça de 1824, sob o governo do nosso primeiro imperador. Quando veio ao mundo, já se espalhava a milagrosa nomeada do padroeiro daquela terra – S. Francisco das Chagas. No fim do Século XVIII, as autoridades coloniais tinham aldeado naquele rincão, ao fundo do antigo Sertão dos Ratos, que se estendia pelas ribeiras do Rio Ceará até aquelas paragens, os índios da nação Canindé, até esse tempo acampados na povoação de Monte-mor-o-Novo da América, depois vila e enfim cidade de Baturité. E já em 1775 o português Francisco Xavier de Medeiros edificava ali a primeira capela dedicada ao Pobrezinho de Assis. A construção, em grande parte feita de esmolas, levou 20 anos. Ao ser terminada, em 1795, o glorioso santo obrou o primeiro milagre, salvando da morte certa um operário que caíra do andaime da torre. A notícia correu célere por todo o interior cearense, iniciando-se, então, as peregrinações que fariam do Canindé a Compostela ou a Lourdes do Ceará. Passaram-se 22 anos e o bispo de Pernambuco, D. frei Antonio de S. José, elevou, em concessão especial de 10 de junho de 1817, a capela à Matriz, tal a importância que adquirira. Um alvará de D. João VI, de 30 de outubro do mesmo ano, aprovou a citada concessão. Todavia, o povoado do Canindé somente seria elevado à categoria de vila, com todas as suas prerrogativas municipais, por ato do governo imperial de 29 de julho de 1846. Tinha, nessa data, José Antônio do Fechado a idade de 22 anos.

Seu pai, o capitão José Bernardo de Sousa Uchoa, antigo presidente do Senado da Câmara, proprietário da fazenda do Fechado, era um dos homens mais influentes da localidade. Representante legítimo por sua posição, educação e tendência do antigo

patriarcalismo feudal que informou a vida pastoril nordestina e degenerou, mais tarde, no coronelismo, lutava pelo domínio da política municipal e, naturalmente, se tinha muitos amigos, também fizera muitos inimigos. Entre estes, o maior era o tenente-coronel Manoel Mendes da Cruz Guimarães. No sertão, o ódio dos pais passa para os filhos e as famílias se empenham em lutas renhidas, que se propagam através das gerações como na Itália medieval.

No ano de 1852, quando o Império Brasileiro atingia seu apogeu, militarmente com a vitória de Caseros, politicamente com a conciliação dos partidos realizada pelo futuro marquês do Paraná, diplomaticamente com a orientação do futuro marquês do Paraná, diplomaticamente com a orientação do futuro visconde do Uruguai e financeiramente com o ágio do papel-moeda sobre o ouro, na vila do Canindé se processaria com violência a eleição para o novo juiz de paz, que devia substituir o que completara o quadriênio. O triunfo na mesma demonstraria quem de fato tinha eleitorado e prestígio no município. Exercendo o cargo de delegado de Polícia, o capitão José Bernardo de Sousa Uchoa disputava-o contra seu rival, o tenente-coronel Cruz Guimarães, e seu braço direito o filho José Antônio, em plena virilidade sertaneja.

Tinha o moço renome de valente. Os inimigos paternos lhe haviam atribuído a morte de um tal Marcolino, que raptara uma moça e com ela casara contra a vontade da família. Achava-se José Antônio na companhia dum amigo, Carlos Sales, parente da jovem, quando este se encontrou com o raptor e lhe tirou a vida. As opiniões sobre o caso dividiram-se. Os mais apaixonados acusavam veementemente a José Antônio. Os seus amigos e parentes eximiam-no de toda a culpa. Alguns havia que admitiam ter ele ajudado o companheiro a consumir o crime. Submetido a processo e levado ao Tribunal do Júri, este o absolveu. As más línguas, porém, nunca o perdoaram.

No dia da eleição, houve grande e grave conflito entre os partidários dos Uchoas e dos Cruz Guimarães. A briga começou a cacete e faca na Igreja, onde se realizava o pleito, acabando e tiroteio pelas ruas, durante o qual morreu baleado o tenente-coronel Manoel Mendes da Cruz Guimarães. Apontou-o José Antônio como autor do feito. Foi outra vez processado e submetido a julgamento. De novo, os juízes de fato o absolveram. Murmurava-se que desta, como da primeira vez, por influência da família e do seu partido político.

No decurso do tempo, por este ou por aquele motivo, quatro assassínios se atribuíram a José Antônio. Mais duas vezes processado e julgado, foi absolvido. Diziam os amigos que era homem valente, cavalheiresco e generoso, capaz de praticar as mais belas ações. Assoavam-lhe os inimigos que não passava duma fera e moviam-lhe contínua, implacável perseguição. Refugiado em sua fazenda do Fechado, cercado de acostados fiéis, verdadeiros *bravi*, ele acabou não se deixando mais citar pela Justiça e resistindo à prisão, de armas em punho. Certa vez, um destacamento de mais de cem praças cercou-lhe a casa e foi repellido com muitas perdas, depois de violento assalto.

O barão feudal sertanejo continuou entocado. Nos últimos anos da Monarquia, conta-se que o comandante da Polícia do Ceará, moço destemido, decidiu acabar com o José Antônio. Levou consigo numerosa tropa, acampou-a nas proximidades do Fechado e, antes de desencadear o ataque, vestido à paisana, montou a cavalo e explorou os arredores. Queria conhecer bem o terreno onde pisava. Numa volta da estrada, encontrou um homem já encanecido, porém forte, sadio, musculoso, de fisionomia simpática, voz suave e lhana, maneiroso e afável, bem montado, com o qual se pôs a conversar. Aproveitando a ensanchar, o oficial procurou obter informações sobre o cangaceiro, pois que o cavaleiro era, segundo parecia, morador nas cercanias.

O desconhecido contou-lhe que a casa do Fechado constituída verdadeira fortaleza, com paredes e portas à prova das balas daquele tempo, que lá havia tantos capangas que cada estaca das cercas era um homem armado, todos eles bravos e fiéis. Depois, narrou minuciosamente o que sabia da vida de José Antônio, das injustas acusações de que era vítima, dos atos de injustiça que praticava e das razões de honra pessoal que o levaram a não se submeter às autoridades. Assim, conversando lado a lado, chegaram a uma encruzilhada, onde se despediram. O comandante declinou, sorridente, seu nome e qualidade, fazendo oferecimentos corteses. O outro sorriu, tirou o chapéu, apertou-lhe a mão e disse-lhe com a maior calma deste mundo:

- Minha casa fica ali adiante, por trás daquele morro. Estou lá às suas ordens. É a fazenda do Fechado e eu sou o José Antônio.

Piscou o cavalo com as esporas e sumiu-se na caatinga. O oficial ficou estarrecido no meio da estrada. Contam que voltou ao acampamento e regressou a Fortaleza, recusando-se a perseguir o caudilho sertanejo. Esta é uma das narrativas, decerto lendárias, que contribuíram para aureolar de prestígio aos olhos do povo a figura desse senhor feudal do Século XIX.

Em avançada idade, atingiu o limiar do Século XX, de vez que faleceu em 1918, com 94 anos de idade, na fazenda da Lagoa das Pedras, onde nos últimos tempos de sua vida passou a residir. Durante alguns anos, foi obrigado a morar em Fortaleza, capital do Estado, a fim de evitar a perseguição política que lhe moviam na terra natal. E o curioso é que se casou aos 86 anos. Fibra extraordinária a desses velhos sertanejos criados em contato com a natureza agreste e rude, formadora duma raça de fortes. Deles diria Júlio César o que disse dos belgas, que eram os mais viris dos povos da Gália, porque viviam longo das cidades, isto é, dos centros de civilização e amolecimento, de todas as coisas que *ad affeminando animos pertinent*.

OS BARCOS DE S. FRANCISCO DE CANINDÉ

Contava-me na infância um veterano da guerra do Paraguai, ferido no ombro de Itororó, que, no hospital de sangue, identificava a origem dos seus companheiros de dor pelos santos que invocavam, gemendo. Quando ouvia dizer: - Ai, minha Bossa Senhora de Nazaré! Sabia tratar-se dum paraense. Se escutava: - Ai meu Senhor do Bonfim! Era um baiano. Se outro bradava: - Salve-me a Senhora da Aparecida! Seria paulista ou mineiro do Sul. E todos os cearenses sem exceção, clamavam: - Valha-me, S. Francisco das Chagas de Canindé!

Essa devoção nasceu no sertão do Ceará com a grande seca de 1792. Trouxera-a para Canindé um português vindo do Recife, o capitão Francisco Xavier de Medeiros. Favoreceu-a a pregação feita naqueles rincões pelos missionários franciscanos frei Manuel de Santa Maria e São Paulo, frei Bartolomeu e frei José de Santa Clara Monte Falco, que, de 1759 a 1800, andaram em desobriga pela então freguesia de S. José de Ribamar, que se estendia do litoral até o alto sertão, compreendendo os seus limites tanto Fortaleza como o povoado de Canindé, onde outrora se aldearam os índios desse nome. Quando acabou a Seca Grande, como foi chamada, o povo dessa localidade e suas redondezas decidiu levantar ali uma Igreja ao santo, que os consolara e salvara nas dramáticas aperturas da crise. Foi benfeitor principal das obras da construção o capitão Francisco Xavier de Medeiros.

Consta-se que o terreno escolhido para a ereção do templo se incluía na gleba da fazenda Renguengues, pertencente a três donos residentes em Pernambuco, os quais formalmente se negaram a cedê-lo por doação ou mesmo por venda. Logo depois dessa negativa, adoeceu um deles, em breve falecendo. O mesmo aconteceu com o segundo daí a pouco tempo. E o terceiro, mal sentiu que também ia cair doente, prometeu ao santo, se escapasse, dar o terreno pedido. A edificação começou e prosseguiu com esmolas que vinham de toda a parte. Já estavam as torres bastante altas, quando dum dos andaimes escorregou e despencou-se um pedreiro. Ao cair, gritou por S. Francisco e logo se viu suspenso no espaço pela fraude da camisa a uma ponta de viga, o que deu tempo a ser socorrido, e toda gente do lugar presenciou.

No correr do tempo, os milagres e a fama de S. Francisco foram se espalhando pelos sertões do Ceará e de todo o Nordeste, as romarias aumentando ano a ano, o povoado tornando-se vila e cidade, as promessas multiplicando-se em proporções geométricas, os donativos crescendo, de modo que a primitiva Igreja se transformou em imponente basílica moderna e, com os óbolos dos fiéis, os frades franciscanos que regem aquele patrimônio sustentam admiráveis instituições de caridade, instrução e educação profissional da juventude sertaneja.

O cearense emigrado, aonde quer que vá, leva no coração a fé na proteção de seu grande santo, como aqueles humildes soldados feridos em defesa da honra do Império nos campos inóspitos do Paraguai. Nas selvas amazônicas, nas minas do Amapá, nos

seringais do Acre, nos confins de Mato Grosso, nos cafezais do Paraná ou no asfalto da Babilônia paulista, ao sofrer qualquer golpe do destino, moral ou físico, volta-se para o miraculoso padroeiro da pequena cidade do sertão: - Valha-me S. Francisco das Chagas de Canindé. Faz-lhe a sua promessa e religiosamente a paga, seja como for. Poderá faltar tudo, menos ao seu querido protetor celeste. Em todas as angústias e aflições, dirigiu-se seu pensamento para o santuário da sua terra natal: a Basílica do Pobrezinho de Assis.

Por isso, os ex-votos ricos e pobres, pintados ou esculpidos, de pau ou de pedra, de metal ou de cera, atópem os armazéns a eles destinados, anexos à Igreja. São em tamanha quantidade que seria impossível guardá-los para sempre. Por isso, todos os anos se escolhem os mais interessantes e significativos, derretendo-se os de cera para fazer velas e queimando os demais. Senão, no fim de dez anos, não haveria mais lugar nos depósitos por maiores que fossem.

Dentre esses ex-votos, os mais assombrosos, e esta palavra é mais do que apropriada, são uns barquinhos de 50 a 80 centímetros de comprimento, que vêm dos mais distantes igarapés da Amazônia, pelos afluentes do Rio-Mar, onde eles despejam suas águas, por ele abaixo e pelo oceano afora até as praias nordestinas, trazendo velas para serem acesas no altar do Santo ou dinheiro para missas e para suas obras de benemerência, silenciosos e fiéis mensageiros dos humildes cearenses perdidos na batalha da borracha, dentro das brenhas do Inferno Verde.

Nas suas horas de necessidade e de dor, esses cearenses fazem suas promessas a São Francisco das Chagas de Canindé e, como não dispõem de outro meio de comunicação com sua terra natal, sabendo que os ribeiros correm para os rios e os rios correm para o mar, como diz a velha canção portuguesa, constroem esses barcos, alguns até com um certo gosto artístico, ornamentando-os com carinho, colocam neles ex-votos ou dinheiro, às vezes 2 ou 3 mil cruzeiros, calafetam-nos completamente e os lançam às águas do igarapé ou do rio amazonense onde estão vivendo. Além do endereço: Para S. Francisco de Canindé, pintam em lugar visível outros letreiros neste estilo, por exemplo: Pede-se a pessoa que encontrar este barco na beira fazer o favor de pôr para o meio. Graças alcançadas deste Grande Santo, ou: Quem me encontrar parado me empurre para o meio.

Canoeiros ou pecadores que acham um desses pequenos barcos encalhados numa curva do rio ou numa coroa de areia, preso nas vegetações marginais ou enredado nos camalotes e balseiros, liberta-o e tange-o correnteza abaixo. Assim, eles navegam pelo igarapé, passam ao afluente, seguem pelo Amazonas, são lançados ao mar e as correntes oceânicas se encarregam de levá-los às praias de Tutoia, ou Amarração, do Camocim ou do Acaraú. Jangadeiros e caboclos que ali os encontram os entregam ao primeiro viandante que siga para o interior e, de mão em mão, levados por um comboieiro ou por um chofer de caminhão de boa vontade, os barcos vão ter às mãos

dos frades de Canindé com sua carga intacta. A honestidade daquela pobre gente não lhe permite tocar no dinheiro do santo. E, se tocasse decerto lhe aconteceria grande desgraça. São às dezenas os barcos dessa espécie que chegam anualmente a Canindé.

Desde longa data costumam as populações ribeirinhas do S. Francisco enviara pelas águas do rio à Lapa do S. Bom Jesus, como dizem, ao Santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia, suas oferendas em dinheiro dentro de cabaças hermeticamente fechadas, com uma vela acesa em cima, que navegam de bubuia, correnteza abaixo, respeitada por todos os pescadores e barqueiros. Mas somente praticam isso os crentes que habitam a montante da Lapa, baianos e mineiros, a viagem dessas cabaças é relativamente curta e somente fluvial, enquanto os barcos de S. Francisco das Chagas de Canindé perfazem distâncias enormes através de alguns dos maiores rios do continente, e do oceano, sendo depois conduzidos por terra a dezenas de léguas do litoral.

O fato do envio desses barcos desde os recessos da Amazônia até o sertão cearense, através de inúmeros percalços, é verdadeiramente assombroso, implica um ato extraordinário de fé primitiva, espontânea e ingênua, testemunha a existência, insuspeitada pela gente sofisticada das grandes capitais, dum outro Brasil, dum Brasil que não conhecemos, que está mesmo fora das apressadas e interesseiras cogitações dos que vivem para o futebol, o *café society* ou a politicagem, Brasil inteiramente à margem deste Brasil desvirtuado, cosmopolita, sem peculiaridade e sem tradição, que se tem formado no litoral e no qual vivemos. É finalmente um dos atos mais extraordinários da crença do povo nordestino nos seus santos. Acresce que os seringueiros, que não podem ou não sabem construir um desses pequenos barcos, enviam suas dádivas ao Padroeiro do Canindé sob forma de bolas de borracha defumada, soltas também nas águas correntes, que o Amazonas despeja no Atlântico e este atira às praias, onde as pessoas do povo as apanham e mandam pelos mensageiros que encontram ao santuário sertanejo. Todos os anos os frades de Canindé apuram algum dinheiro coma venda dessa borracha, trazida, como diria o clássico, *sob los rios que vão*.

Isto que aqui se narra é tão impressionante que até parece episódio da história de outras eras, dum Brasil, que não é mais deste tempo utilitário, que talvez já se esteja, por nosso mal, acabando, mas que é belo, por demais belo, assim cheio da inocente, da puríssima fé em Nosso Senhor Jesus Cristo e nos milagrosos santos da Sua Madre Igreja, sobretudo, naquele *Poverello*, tão suave e tão pobre, que sabia falar às aves e aos peixes, e recebia nas mãos e nos pés os mesmos estigmas rubros de seu Deus imolado pelos homens, como ele lanceado no flanco e coroado em sangue pela mesma coroa de Glória e de Martírio.

FONTES HISTÓRICAS DE CANINDÉ

Canindé é uma terra mística que encanta as pessoas de fé, porque existe nesta terra um grande mistério do amor e da misericórdia de Deus, que se manifesta através dos milagres e das curas, das bênçãos e das graças operados por São Francisco das Chagas. Na intimidade vivida diariamente com este mistério cresce a cidade que acolhe doentes e sofredores, devotos e romeiros do Brasil inteiro, mas sobretudo do Nordeste sofrido e chagado, mas também teimoso na esperança e solidário na fé.

As crianças e os jovens de Canindé somente vão amar sua terra natal em profundidade, quando conhecerem bem suas raízes de fé e de devoção, a história do Santuário de São Francisco das Chagas pesquisada e contada pelos mais velhos.

Escolhi umas fontes históricas e pedi ao professor de português do Colégio Menino Jesus e da Escola Profissional Capelão Frei Orlando, José Narcélio Agostinho Bastos, que elaborasse uma versão escolar destas fontes, para que os alunos pudessem estudar num português atual estes escritos antigos e pudessem se identificar com o destino desta terra maravilhosa seguindo a Jesus no jeito de São Francisco.

Frei João Sannig – OFM
Santuário-Paróquia de São Francisco das Chagas
Arquivo Paroquial - Praça da Basílica, s/n, Centro - Canindé-Ceará
CEP: 62.700-000 – Site: www.santuariodecaninde.com